



## O LIAME DA “HIPÓTESE REPRESSIVA” E INCITAÇÃO DISCURSIVA COMO PRODUÇÃO DE VERDADE NA OBRA *HISTÓRIA DA SEXUALIDADE*

Jullyanne Rocha São Pedro

Universidade Federal de Campina Grande: [jullyanne.rocha@hotmail.com](mailto:jullyanne.rocha@hotmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo discutir a construção da sexualidade enquanto discurso científico e produção de saber. A pesquisa foi realizada a partir da análise da obra *História da Sexualidade: A vontade de Saber*, de Michel Foucault, que critica a hipótese repressiva como fundamento da história da sexualidade na Idade Moderna. Para Foucault (2012), os elementos repressivos possuem um papel de produção da verdade dentro do discurso, que consiste em um mecanismo de poder. O autor destaca o surgimento da Ciência da Sexualidade no século XIX, época marcada pela incitação aos discursos sexuais, que são evidenciados com a vasta produção de teorias, contrapondo-se, à hipótese repressiva. Percebe-se que as categorias advindas da proliferação dos discursos propiciam o controle dos corpos. Constata-se que a sexualidade é imprescindível no processo de produção de verdade e constituição da subjetividade na Modernidade.

Palavras-chave: Sexualidade, Foucault, Verdade, Poder, Psicanálise.

### INTRODUÇÃO

A obra *História da Sexualidade: A vontade de Saber* de Michel Foucault apresenta uma reconstrução genealógica da sexualidade, demonstrando as implicações entre o saber e o poder. O objetivo deste trabalho é discutir a construção da sexualidade enquanto discurso científico e produção de saber.

O método utilizado na pesquisa foi a revisão bibliográfica realizada a partir da análise de algumas obras de Michel Foucault, tendo como enfoque principal o primeiro

volume de *História da Sexualidade*. Nesta obra, Foucault (2012) critica a hipótese repressiva como principal fundamento da história da sexualidade na Idade Moderna.

Para Foucault (2012), os elementos repressivos possuem um papel de produção da verdade dentro do discurso, que consistem em mecanismos de poder. O autor contextualiza o surgimento da Ciência da Sexualidade utilizando-se de aspectos do século XIX, que propiciaram a propagação dos discursos sexuais com diversas teorias, que se contrapõem à hipótese repressiva.



### **A sexualidade “silenciada” como solo fértil para *A Vontade de Saber***

Foucault (2012) inicia a obra tecendo críticas à hipótese de repressão da sexualidade, amplamente difundidas nos discursos da época. Dentro destes discursos, havia a propagação de que no início do século XVII não havia tanto pudor e demagogia quanto existia no regime vitoriano, o qual seria caracterizado por uma absoluta rigidez no tocante à moral e bons costumes. Estes discursos diziam que na era vitoriana a sexualidade foi silenciada, tendo passado a exercer a exclusiva função reprodutiva, que era de competência do casal, em âmbito conjugal. Reinaria, então, a hipocrisia da burguesia, repleta de repressão, que seria uma manifesta expressão de poder.

Ainda neste contexto “repressivo”, das relações de sexo e poder com relação à repressão, poderia extrair o benefício do locutor. Desse modo, a partir da interdição do sexo, a locução acerca dele seria uma transgressão deliberada. Assim, quem usava da fala, afastava-se do poder. Nesse sentido, teríamos herdado, conforme esta hipótese, tanto decoro para falar de temas relacionados ao sexo e à sexualidade.

Foucault (2012) aponta a existência de interesses econômicos, como no caso da

Psicanálise freudiana, na escuta destes temas sexuais “reprimidos e silenciados”, que reafirmam o discurso da hipótese repressiva da sexualidade. O autor questiona de onde surgiria a relação entre o sexo e o pecado e de onde vêm a culpa por termos o considerado um pecado?

Com relação à repressão, é questionado que se ela é considerada uma evidência histórica, qual seria a sua mecânica de poder (interdição, censura e negação), e se o discurso crítico poderia ser tratado como um mecanismo de poder ou se ele faria parte daquilo que ele denuncia chamando-o de repressão.

O autor critica que tenham tornado a interdição o fundamento da história da sexualidade na Idade Moderna. Os elementos repressivos possuem um papel de produção da verdade dentro do discurso, sendo um mecanismo de poder que ocasionou a constituição da Ciência da Sexualidade.

Foucault (2012) tece uma crítica à propagada e difundida censura do sexo, que para ele, de fato não ocorreu, haja vista que, na verdade, surgiram inúmeros discursos sobre o sexo, provocados pela “lei da interdição”, que se tornaram imprescindíveis aos mecanismos do poder.



## Da Hipótese Repressiva

Em meados do século XVIII, o discurso sobre o sexo passou a ter caráter político e econômico, ocorrendo de forma analítica, tornando-se assunto de “polícia”. No que concerne a esta questão de polícia, consiste no uso de discursos que controlam o sexo e não que o proíbam. Exemplos destes discursos são: o controle do sexo a fim de limitar a natalidade, a educação sexual infantil e o estudo das perversões sexuais.

Segundo Foucault (2012), desde o século XVIII, o sexo provoca um discurso erótico generalizado. A Idade Média teve como foco a carne e a confissão de seus desejos; e no decorrer dos séculos, houve uma grande variação discursiva acerca do sexo, como a Medicina e a Psicologia, bem como surgiram outros aparelhos para falar sobre ele. Para o autor, “há uma incitação ao discurso, regulada e polimorfa” (FOUCAULT, 2012, p. 40).

A Igreja Católica, através do Concílio de Trento passou a estimular o “exame de si mesmo” através da confissão, na qual há o sentido de penitência às insinuações da carne. A carne era a responsável por todos os pecados, desde os pensamentos, desejos e a concretização deles. Com a escuta psicanalítica houve a transformação do desejo

em discurso através de termos neutros e moralmente aceitos.

A confissão originada do cristianismo origina a subjetividade. Houve a incitação para falar de sexo, mesmo em segredo, como no caso da Psicanálise, que serviria para “desreprimir” o sexo. As pessoas são incitadas a falar de sexo e não a praticá-lo. A confissão consistia em colocar a sexualidade em discurso, confessar os desejos.

A repressão atuaria como um mecanismo utilizado para que todos falem sobre sexo, para que coloquem os desejos e vontades em discurso. Dessa forma, a confissão migra da esfera religiosa e passa a ser considerada a prática principal dos saberes psicológicos (como a Psiquiatria e a Medicina), se tornando uma política de estado.

Houve a supressão da interdição através de influência política e econômica, que possibilitou a propagação e a variedade de discursos sobre o sexo. Para Foucault:

“O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado, o sexo, a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo” (FOUCAULT, 2012, p.42).

Até o final do século XVIII o sexo era regulado pelo direito canônico, pela pastoral cristã e pela lei civil, os quais traziam



regulamentações que regiam as práticas sexuais da sociedade. O estupro, adultério, incesto, rapto e sodomia figuravam como pecados graves, aptos a sofrerem condenações dos tribunais (FOUCAULT, 2012).

É importante fazer destacar a natureza jurídica das interdições sexuais. A obra *Os anormais* trouxe o caso dos hermafroditas que eram caracterizados como monstros humanos, os quais afrontavam as leis da sociedade e as leis da natureza, devido a ser impossível definir o seu sexo (FOUCAULT, 2013).

É nesse contexto que surge a perversão, baseada na infração, tanto moral quanto legal, sendo estigmatizados com diversos termos, como “loucura moral”, “neurose genital”, “aberração do sentido genésico”, “degenerescência” e “desequilíbrio psíquico” (FOUCAULT, 2012). Como categorias de perversões da época, tem-se a homossexualidade, os exibicionistas, os fetichistas e os zófilos.

Desse modo, constata-se que não há uma exclusão da perversão, mas sim uma classificação e incorporação de suas características. São criadas espécies classificáveis e de condutas determinadas.

Inúmeros são os poderes que exercem controle nesta prática discursiva sexual: o controle observado pela família, a medicina com os seus exames, o parecer psiquiátrico e o relato do pedagogo. Percebe-se que além do

poder, há o prazer que existe em exercer o controle e em escapar dele. Foucault (2012) critica conceitos psicanalíticos acerca da sexualidade infantil e da Teoria da Sedução de Freud, ao se referir da formação de desejo interdito da criança, produzidos na relação edípica com seus pais.

As instituições e os discursos contribuíram na formação de uma sociedade “de perversão explosiva e fragmentada” (FOUCAULT, 2012, p. 54). O poder ora exercido sobre o corpo e o sexo teve como efeito a redução das sexualidades com a classificação de seus caracteres, e não a interdição de condutas tidas como ilícitas ou pecaminosas. Daí, surge o entendimento da perversão desta sociedade, a qual “produz e fixa o despropósito sexual” (FOUCAULT, 2012, p.54).

Para o autor, o aumento das perversões “é o produto real da interferência de um tipo de poder sobre os corpos e seus prazeres.” (FOUCAULT, 2012, p.55). Há uma relação entre prazer e poder através de diversos mecanismos de excitação e incitação.

A teoria da hipótese repressiva em Foucault é uma crítica às teorias freudianas e reichianas, pois estes discursos diagnosticaram que a sexualidade ocidental era uma sexualidade essencialmente reprimida, e ao se libertar das repressões,



seria possível atingir a vida plena e o “bom sexo”.

Para os discursos que perpetuavam a repressão, haveria uma natureza/energia sexual que seria reprimida através de recursos institucionais: família, escola e religião. Entretanto, para Foucault (2012), não houve uma proibição, pelo contrário, a sociedade incitou o discurso do sexo. Desse modo, a hipótese repressiva não é o estudo da repressão da sexualidade, mas sim um estudo antagônico acerca da repressão sexual.

O objetivo de Foucault é o de criticar a ideia de que no Ocidente houve uma repressão da sexualidade. Para o autor, o século XIX não foi um século da repressão do sexo, mas sim um século caracterizado pela busca da verdade do sexo. Pode-se, inclusive, considerar uma necessidade extrema do Ocidente em tentar descobrir qual é a verdade do sexo, realizada a partir do conhecimento de como o sexo que era praticado.

O Ocidente tentou reduzir a complexidade do sujeito à uma busca pela verdade do sexo, como a definição do que é homem ou mulher. Por isso, infere-se que o nome do livro é *Vontade do Saber*, sendo consequência da busca pela verdade.

O poder no Ocidente não é um poder da repressão, mas um poder que produz. A noção que existiria uma natureza/verdade do sexo foi construída pelos discursos da repressão,

com a constituição de teorias de autores como Freud, Reich e Marcuse (FOUCAULT, 2012).

Houve uma proliferação de discursos sobre o sexo. Tais discursos atribuem ao sexo a característica de repressão pensam na sexualidade como algo natural, uma energia humana, que é reprimida/recalcada a partir de um aparelho social.

Todavia, a sexualidade não é algo natural, mas sim uma tecnologia discursiva, que cria o normal e patológico e a ideia de natureza sexual. A emergência do discurso científico nasce da ideia de que haveria uma natureza sexual e que a verdade estaria nessa natureza.

Os discursos críticos, como o de Freud, Reich e Marcuse que visam libertar o homem, partem da mesma premissa que existiria no homem uma verdade sexual reprimida. Para Foucault (2012) não existe repressão, pois não existe uma natureza sexual a ser reprimida, haja vista que a noção de sexo é constituída no século XIX.

### **Das Ciências Sexuais**

O sexo, durante o século XIX passa a ser tratado de forma bem antagônica: de um lado, trata de questões meramente biológicas e reprodutivas sob o enfoque da normatividade científica, e do outro, a medicina do sexo obediente à respectivas normas e regras. A produção da verdade do sexo representará o



contraste nestas abordagens (FOUCAULT, 2012).

Na arte erótica, a verdade é obtida através do prazer, pois o sexo é assim reconhecido. A verdade ocorre através da prática sexual, que tem como objetivo o prazer. Já a sociedade ocidental pautou o seu saber na cientificidade, tendo a confissão o meio mais fidedigno de produção da verdade, tendo se consolidado como uma das formas de individualização pelo poder.

Foucault (2012) demonstra que desde a confissão advinda da religião, o sexo é o tema mais presente. A confissão detém a produção da verdade sobre o sexo.

A vontade de saber fez com que se proliferassem a extorsão das confissões de cunho sexuais em formas científicas, no Ocidente Moderno, devido a alguns procedimentos: codificação clínica do “fazer falar” (escuta psicanalítica), postulado de uma causalidade geral e difusa, princípio de uma latência intrínseca à sexualidade, método de interpretação e medicalização dos efeitos da confissão (patologia) (FOUCAULT, 2012).

O Ocidente tem como preocupação a produção de discursos verdadeiros sobre o sexo na tentativa de adequar-se às regras do discurso científico, aos moldes da confissão. A proposta de uma ciência do sujeito baseia-se na questão sexual. É através do discurso sexual que se obtém o inconsciente e a

verdade do sujeito, devido a, principalmente, mecanismos de poder intrínsecos a este discurso.

O discurso de verdade, assim como o de prazer, não tem nada de repressão. Há na vontade de saber do sexo um caráter político e econômico. A obra *História da Sexualidade: A Vontade de Saber* trata sobre as práticas de confissão sobre o sexo e não sobre a repressão da sexualidade, pois falar sobre sexo não é tão somente confessar, mas torná-lo uma verdade da vida do sujeito, como se o sexo determinasse quem somos, a nossa identidade.

No tocante à confissão e a descoberta da verdade do sexo, a confissão seria considerada a principal prática disseminada em vários outros discursos. A confissão extrapola o campo da religião e adentra o campo do discurso científico, com a tentativa da ciência de fazer a correspondência da confissão com o estudo objetivo. Assim, não haveria uma ruptura epistemológica, mas uma continuidade entre a religião e a ciência.

A Psiquiatria, Pedagogia, Psicanálise e Psicologia possuem discursos de legitimidade científica, com atribuições de valor de verdade. Neste contexto, o sexo passa a ser tratado como meio de administração, como tema de saúde pública e como saber, fazendo uso, inclusive, de estatísticas que visam matematizar as subjetividades.



A história da sexualidade moderna passa a ser pensada a partir de um novo elemento e profere uma crítica aos cientistas sociais, antropólogos e psicanalistas, lançando novos objetos de estudo. Desse modo, poderia se estudar a sexualidade pela forma repressiva (hipótese criticada pelo autor devido a sua exclusividade) ou pela biopolítica/biopoder moderno, categoria proposta por ele (FOUCAULT, 2012).

### **Dos Dispositivos de Sexualidade**

O Ocidente propagou a verdade sexual, remetendo-o à esfera racional. Foucault (2012) questiona essa incessante busca à verdade do sexo e tece uma análise de relações de poder, elencando a relação negativa, a instância da regra, o ciclo da interdição, a lógica da censura e a unidade do dispositivo.

Para o autor, a *relação negativa* entre o poder e o sexo existe, pois exclui, mascara e oculta. Há a criação de circunscrições que limitam atos e condutas, devido ao fato da negativa que é expressa pelo poder.

A *instância da regra* significa que o poder rege a lei do sexo, ocorrendo a redução ao sistema binário, como: permissões e proibições; licitude e ilicitude. O discurso sobre o sexo criaria um estado de direito, que através da linguagem a regra seria produzida.

“A forma pura do poder se encontraria na função do legislador; e seu modo de ação com respeito ao sexo seria jurídico-discursivo” (FOUCAULT, 2012, p. 94).

Com relação ao *ciclo da interdição*, ele consistiria em proibições relacionadas ao sexo, as quais almejavam a renúncia a ele mesmo, sob ameaça de sua supressão e aniquilação.

A *lógica da censura* seria uma lógica paradoxal que poderia ser enunciada como injunção de inexistência, de não-manifestação, e de mutismo (FOUCAULT, 2012, p. 95).

A *unidade do dispositivo* seria caracterizada por ser homogênea em todas as instâncias. Haveria um poder que legisla e um sujeito que obedece. Foucault (2012) pretende desconstruir os paradigmas do “poder-soberania” e “poder-lei”, traçados por teóricos do direito e por instituições monárquicas, para construir uma analítica do poder, na qual o direito não seja mais modelo, nem código. O autor demonstra que seu livro trata das relações de poder e do discurso sobre o sexo, e pede para refletir acerca da ausência da lei no sexo e do rei no poder.

Como método, o autor pretendeu analisar a formação de um saber sobre o sexo na esfera do poder, o qual deve ser entendido como...



“a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização (...); as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais.” (FOUCAULT, 2012, pp. 102 e 103).

Há uma onipresença do poder, pois advém de todos os lugares e das mais diversas relações. O poder, para o filósofo, “é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.” (FOUCAULT, 2012, p. 103).

Dentre as questões do poder, o autor cita a *regra de imanência* (a sexualidade passa a ser objeto em decorrência de relações de poder, e por este mesmo motivo, é possível utilizar técnicas de saber e estratégias discursivas); a *regra das variações contínuas* (as relações entre o poder e o saber são “matrizes de transformação” (FOUCAULT, 2012, p. 110), não possuindo um lugar determinado e exclusivo); a *regra do duplo condicionamento*; e a *regra da polivalência tática dos discursos* (há a articulação entre saber e poder nos discursos, devendo-se levar em consideração a multiplicidade de elementos discursivos, que podem ser utilizados em diversas estratégias).

Há uma grande relação entre o discurso e o poder, pois o discurso tanto pode produzi-lo, quanto miná-lo. Em um mesmo discurso, a depender da estratégia, pode-se haver contradições e divergências. Foucault (2012) fala que há a inserção das correlações de forças na ordem do poder político e reflete a importância em se utilizar do modelo estratégico e não o de direito.

No tocante ao domínio, a sexualidade, dentro das relações de poder, é um dos elementos que possui mais instrumentalidade e que é utilizado em diversas estratégias. Citando o autor as 4 (quatro) estratégias que foram utilizadas, a partir do século XVIII, acerca da sexualidade: *Histerização do corpo da mulher*: a mãe, e em sua forma negativa a “mulher nervosa”; *Pedagogização do sexo da criança*: crianças como seres sexuais liminares, que devem estar sendo observados/controlados pelos responsáveis; *Socialização das condutas de procriação*: através de medidas sociais ou fiscais; e *Psiquiatrização do prazer perverso*: instinto sexual como biológico e psíquico autônomo, e patologização de condutas e necessidade de correção/normalização (FOUCAULT, 2012).

No decorrer do século XIX, 4 (quatro) objetos passam a ocupar o lugar de objetos que se relacionam com as estratégias acima mencionadas, que são a mulher histérica, a



criança masturbadora, o casal malthusiano e o adulto perverso.

Vale ressaltar que a criança masturbadora figura como um dos objetos, juntamente com o monstro humano e com os incorrigíveis, que constituem o conceito de anormalidade na obra *Os anormais*. No caso da criança masturbadora, percebe-se a influência do discurso científico, no caso da Psiquiatria, na condenação desta prática (FOUCAULT, 2013).

Foucault (2012) critica a repressão como sendo a única hipótese verdadeira e lança mão de outras hipóteses, mas não as aprofunda. Desse modo, tem-se que tais estratégias são formas de produção da sexualidade, decorrentes da incitação aos discursos, da busca pelo saber e elaboração de conhecimentos, e do surgimento das resistências, sendo, portanto, frutos do modelo estratégico entre saber e poder.

Foucault (2012) demonstra que tais relações deram lugar a um dispositivo da aliança, centrado no matrimônio e em valores familiares, que tem como tendência social a conservação da família e do laço social. Contudo, a partir do século XVIII, surge um novo dispositivo que vai ocupar o lugar do dispositivo da aliança, que é o dispositivo da sexualidade. Enquanto o da aliança se baseia em regras binárias de certo e errado, o da sexualidade “funciona de acordo com técnicas

móveis, polimorfos e conjunturais do poder” (FOUCAULT, 2012, p. 117).

O dispositivo da aliança se preocupa com a homeostase do corpo social que tem como foco na reprodução, já o dispositivo da sexualidade se preocupa com as novas manifestações, com a criação e produção de novas identidades e sexualidades. Deste modo, Foucault critica novamente a hipótese repressiva, haja vista que a sexualidade está relacionada à dispositivos novos das relações de poder, e a sua articulação não é com relação à reprodução, mas “à intensificação do corpo, à sua valorização como objeto de saber e como elemento nas relações de poder” (FOUCAULT, 2012, p. 118).

O dispositivo da sexualidade se instalou a partir do dispositivo da aliança. Para Foucault (2012), a família possui um papel importante neste momento, pois leva a lei para a sexualidade; e a economia do prazer e das sensações para a aliança. Dispositivos da sexualidade passam a “assombrar” a aliança e a Psicanálise vem para “unir” e “explicar” estes dispositivos.

Uma das funções da Psicanálise seria a de retirar a sexualidade da Teoria da Degenerescência, e mesmo lidando com o conceito de pulsões, liberou-a da hereditariedade, livrando-se de eugenismos e racismos. A Psicanálise transfere para a relação edípica a responsabilidade da



formação estrutural de quem nós somos. A diversidade sexual seria consequência da relação edípica.

A teoria da repressão é ligada à difusão do dispositivo da sexualidade. A Psicanálise vem revelar o desejo e eliminar o rigor que recalca algo. Para Foucault (2012), a história do dispositivo da sexualidade pode ser considerada uma arqueologia da Psicanálise.

A Psicanálise é um instrumento que fixa a sexualidade sobre a aliança matrimonial e familiar, se opõe à degenerescência, e é elemento diferenciador na tecnologia geral do sexo, que possibilita, em alguns casos, eliminar os efeitos patológicos. Neste caso, o papel da verdade seria o de questionar a interdição.

## CONSIDERAÇÕES

Percebe-se que a emergência da Ciência da Sexualidade, pautada pela incitação de discursos sexuais, se contrapõe à repressão amplamente difundida na Era Moderna. Nota-se que a sexualidade passou a ser objeto da ciência e só surgiu a partir do discurso científico.

Para Foucault (2012), o Ocidente não inventou uma nova forma de prazer, mas o seu prazer se constituiu através da busca da verdade do sexo dos outros, na *vontade de saber* o sexo alheio. Este foi o prazer

inventado pelo Ocidente: o prazer sexual em saber do sexo do outro, em determinar o que ele é. O Ocidente, diferentemente do Oriente, tem prazer na relação de saber. Há uma incitação a falar no sexo e não a praticá-lo.

O Ocidente, através do discurso científico de especialistas, quer definir os outros através de suas escolhas, sendo o novo tipo de prazer a vontade de saber o que o outro faz de sua vontade sexual.

Os discursos científicos que criaram a repressão foram baseados na confissão do desejo da carne, mas com características científicas, como a relação do sexo à etiologia; diagnóstico; interpretação, comparação e análise da confissão, e a sua medicalização; surgindo a taxionomia do sexo.

Constata-se que as categorias advindas da proliferação dos discursos propiciaram diversas formas de controle dos corpos, como a biopolítica. A biopolítica constituiu uma maneira de racionalização de problemas propostos à prática governamental em decorrência de situações provenientes de uma população (FOUCAULT, 2008).

A biopolítica é um governo dos corpos dos indivíduos, por isso o sexo é o elemento mais importante para a política moderna, pois ao controlar o sexo, controla-se o comportamento individual e a capacidade de um estado prover populações. O sexo é



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

importante politicamente (orientação sexual, pedagogia do seco), pois a partir dele pode-se controlar o indivíduo e a população.

A partir da análise desta obra de Foucault (2012), conclui-se que a verdade humana reside na verdade do sexo que ela se identifica, sendo a sexualidade a definição da verdade de cada um, a constituição de sua subjetividade, sendo imprescindível no processo de produção de verdade na Modernidade.

### REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: *a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2012.

\_\_\_\_\_. História da Sexualidade II: *o uso dos prazeres*. São Paulo: Graal, 2012.

\_\_\_\_\_. História da Sexualidade III: *o cuidado de si*. São Paulo: Graal, 2013.

\_\_\_\_\_. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins, 2008.

\_\_\_\_\_. *Os Anormais*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2013.